

TOM FARIAS

Escritos negros
crítica e jornalismo literário



Sumário

Uma obra que se explica por si só • 9

PARTE I

Universo poético de Anamaria Pitangueira • 17

Histórias de amor como monumento de vida e salvação • 21

Narrador misterioso revela os “desejos inconfessáveis” da sociedade escravista colonial • 25

Quem tem medo da literatura negra? • 29

Rapsódia urbana do imaginário popular • 33

Luzes sobre Firmina • 37

A voz potente da poesia que também ecoa na ficção • 41

Vozes anticoloniais • 43

A espetacular história do rei de Gaza e suas sete mulheres • 47

A saga de uma jovem em uma cidade não tão maravilhosa • 51

Toda a força da palavra na voz do poeta engajado • 53

As vozes das mulheres negras brasileiras • 57

Panorama condensado dos heróis negros • 61

Salgado, carpinteiro da palavra • 65

Entre a história e a leveza do folhetim • 67

A literatura de Martinho da Vila • 69

Lirismo combativo de poetas da negritude • 71

Temas caros e relevantes • 75

O fio da memória de Conceição Evaristo • 77

Do *Quarto de despejo* para o mundo • 81

O pai do primeiro romance brasileiro • 85

Encontro inusitado • 89

Versos de erotismo e rebeldia • 91

A militância política de Cruz e Sousa • 93

Matriz africana em vários tempos • 99

Uma aventura rebelde • 103

A negra flor da pele • 105

Saga sobre a infância perdida • 109

Sedução e mistério na Pedra do Sal • 111

Revedo preconceitos • 115

Faceta desconhecida e ignorada de Alencar • 119

Benjamim de Oliveira ou como a evolução do circo transformou o teatro • 123

As muitas mandingas de um velho candongueiro • 127

A intimidade de Lima Barreto • 131

Herança de sangue no horizonte devastado • 135

As guerreiras que chegaram de longe • 139

Facetas do caramujo abolicionista • 143

Paradoxos raciais • 147

Por uma nova consciência da cor • 151

A arte como elemento de transformação • 155

A inesquecível *belle époque* carioca • 157

O escritor Josué Montello • 161

O intelectual do samba • 165

Crime e castigo • 167

Folia de amor e imaginação • 171

João do Rio • 175

O partido de Nei • 177

O testemunho de um sistema perverso • 181

Estrelas negras do Brasil • 185

Carolina Maria de Jesus • 189

Retrato sentimental • 191

A lição do 13 e das cotas • 193

Cotas e pânico • 197

Era uma vez na Favela da Maré • 199

Um agente secreto nas ruas de Angola • 201

Abdias, 90 • 203

Viventes da lama • 205

O sortilégio do negro no Brasil • 207

Em defesa da verdadeira democracia racial • 211

A morte de dois cidadãos • 215

Menores • 217

PARTE II

- A experiência teatral do poeta Cruz e Sousa • 221
- Nhá Chica • 225
- Duas mulheres, dois destinos • 231
- História intrigante • 235
- João da Cruz e Sousa, o poeta negro • 237
- Zózimo Bulbul: um cineasta de ação • 243
- Cruz e Sousa – o poeta do Desterro • 247
- A origem de Cruz e Sousa • 249
- Os noventa anos de *Faróis* • 251
- Cruz e Sousa e a negritude • 255
- Otelo, o grande • 259
- Uma África notável • 263
- Narrativa com discurso feminino • 267
- Maria Firmina dos Reis – I • 271
- Memorial que homenageia o poeta Cruz e Sousa vira caso de justiça e está abandonado por causa da burocracia • 279

PARTE III

- Cruz e Sousa, poeta simbolista e as suas raízes africanas • 287
- Referências bibliográficas • 321
- Verbetes biográficos • 323

Uma obra que se explica por si só

Este livro é um desafio e, ao mesmo tempo, uma provocação na trajetória de minha vida intelectual. Lima Barreto escreveu, no *Cemitério dos vivos*, sobre o seu ofício de escritor: “Ah! A Literatura ou me mata ou me dá o que eu peço dela”¹. Como me calam fundo essas duras palavras do romancista carioca, mais pela dúvida que me provocam do que pelas razões em que se fundamentam. Quero dizer com isso que não sei se consigo pedir tudo da dona literatura. Mas se me aprofundar nesses preceitos, posso cair em outros dilemas, que talvez não venham ao caso aqui e agora, e ainda mais porque eu não saberia pôr em termos explicativos em tão breve espaço de apresentação. O certo a dizer é que a literatura não me matou, ainda, pelo menos.

Estas elucubrações são apenas para dizer que *Escritos negros: crítica e jornalismo literário* é parte integrante da minha vida cotidiana e profissional. Jamais imaginei chegar até aqui. Mas cheguei. Fui menino precoce em praticamente tudo. Cria da zona oeste do Rio de Janeiro, entre os bairros suburbanos de Padre Miguel, onde nasci, e de Realengo, onde me criei, a minha juventude foi passada entre a leitura dos livros enciclopédicos, comprados pelo meu pai, sempre à porta de casa, e as escritas que fiz - intensas e profícuas. Graças às insônias crônicas, sofridas desde menino, as quais me deram uma única escolha e alternativa, à cargo da sobrevivência, pude conhecer um mundo mágico, atravessei o portal do tempo, e me joguei de cabeça no ler e escrever, pois nada mais me interessava.

1. BARRETO, Lima. *O cemitério dos vivos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956, p. 35.

Assim escrevi minhas primeiras poesias e rascunhei alguns cadernos de diários, que duraram até o ano de 1985. No dia 23 de janeiro desse ano, um parágrafo dizia: “O ano de 1984 marcou uma performance em minha vida. Foi, retratadamente, um ano conturbado, cuja psicologia, ou perspectiva, traz-me a uma análise muita apurada, transformadora da realidade brasileira”.

Muitos anos antes, porém, como aluno de escola técnica, editei, no sistema de mimeógrafo, coadjuvado por diletos amigos, também secundaristas, um jornalzinho escolar, impresso na sala dos professores – *Boca livre*, meu verdadeiro primeiro manifesto político juvenil, que me deu fumos de esquerdista, iniciado com livros e escritores “malvistas”, a exemplo de *A mãe*, de Máximo Gorki, ou do *Manifesto comunista*, de Karl Marx e Friedrich Engels, mas embebido em Augusto dos Anjos, Manuel Antônio de Almeida, Gonçalves Dias, Castro Alves, Olavo Bilac, Machado de Assis, José de Alencar, Aluísio Azevedo, Raul Pompeia, e os modernos, Jorge Amado, José Mauro de Vasconcelos, José Lins do Rego, Monteiro Lobato, Mário Palmério, Mário de Andrade, e Lima Barreto, cuja coleção das obras completas, com capa dura de cor marrom, lançada em 1956, ainda guardo alguns volumes.

Mas foi através dos cadernos diaristas, rabiscos de um jovem sonhador da literatura, e do jornalismo, relidos em meados do ano passado, em 2019, que fui descobrir que meu primeiro artigo, intitulado *Consciência*, foi publicado aos 14 anos de idade, em um jornal impresso industrial. O nome do jornal, não anotado na redação do diário, mas do bairro de Campo Grande, vai ficar perdido no tempo, como muitos escritos meus dessa época.

Portanto, a ideia de publicar agora esta coleção de artigos que escrevi e publiquei por três décadas, na chamada grande imprensa, é uma forma de pensar e refletir sobre temas caros da história do pensamento negro brasileiro: a literatura de autoria negra e os temas da escravidão no Brasil. Muitos desses temas não faziam parte (raramente fazem ainda hoje) do interesse dentro das redações de jornais, que funcionam, em tese, como corporações, em grupos consanguíneos ou maritais. Sem contar as alas fortificadas por algo visto hoje como ódio racial, que não veem de forma agradável essas temáticas - com raríssimas exceções, seja dito - e que lançavam, à época, um

olhar de estranheza, de desconfiança, sobre mim, algo como se estivessem vendo um ser exótico, de outro planeta.

Mesmo assim, consegui dar voz a muitos autores e autoras que não tinham acesso a essa tal grande imprensa. Lutei contra forças descomunais para impor cada parágrafo dos meus textos. E digo: esta coletânea reflete apenas um apanhado do que escrevi durante todos esses anos, em jornais como *O Dia*, *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Diário Catarinense*, *O Estado de Minas*, entre outros, e revistas, como *Raça Brasil*, *Ô Catarina!* etc. Muitos textos foram perdidos (ou não sei onde os coloquei, mas saídos em veículos como *Jornal do Comércio*, *Tribuna da Imprensa*, *Gazeta de Notícias*, *Última Hora*, *Jornal de Santa Catarina*, *O Liberal*, e jornais de bairros, de sindicatos ou do Movimento Negro, como é o caso do *Maioria Falante*, do qual cheguei a ser editor, ou não convém serem publicados. Também é certo que escrevi sobre tudo e sobre todos. E muita coisa que escrevi já saiu de contexto, ou foram coisas circunstanciais, inerentes ao ofício do dia a dia, próprios para alimentar páginas brancas de jornais diários.

Quem aqui se aventurar vai ter uma ideia do que estou falando. São revividos aqui temas como pan-africanismo, negritude, escravidão, racismo, e histórias de autoras e autores negros, do passado e do presente, tal qual Teixeira e Sousa, nosso primeiro romancista brasileiro, Maria Firmina dos Reis, a primeira romancista, ou José do Patrocínio e Cruz e Sousa. Mas também falo de Carolina Maria de Jesus, Nhá Chica, nossa beata, Joel Rufino dos Santos, Abdias Nascimento, Zózimo Bulbul, Nei Lopes, Conceição Evaristo, Éle Semog, Salgado Maranhão, e trato de autores pouco conhecidos: a exemplo de Nina Silva e Délcio Teobaldo, e de outros mais que, hoje, despontam na literatura negra brasileira: como Eliana Alves Cruz e Jeferson Tenório.

O painel de opções é bem amplo e variado: discussões de ideias, especialmente sobre a implantação das cotas, e novidades, como o aparecimento de livros como o romance *Ponciá Vicêncio*. Salvo engano, talvez tenha sido o primeiro artigo escrito sobre o livro de estreia da nossa grande escritora mineira.

Por falar em textos de estreia, abre este livro um artigo, o primeiro que encontrei como crítico literário, publicado em *Nosso Jornal*, da cidade de Estância, de Sergipe, em outubro de 1987.

São estes pressupostos que fazem com que eu traga este livro para a presença de todos e de todas. De fato, ele resume a jornada de trabalho de um ser humano e a trajetória de luta de um profissional em um país onde a indústria jornalística está integralmente sob o domínio de uma elite não negra, masculinizada e branca. Ter passado pela grande imprensa, como foi o meu caso, não exime de culpa os donos de jornais e editores, sobretudo quando se põe em pauta o cruel racismo estrutural existente nas redações, e nos RHs dessas empresas.

Para se ter uma ideia, no século 19, um em cada três dos jornais mais importantes em circulação estava nas mãos de empresários e jornalistas negros.

Hoje essa discussão do racismo tem entrado firme nas redações, já com alguns tímidos saldos positivos: as grandes corporações jornalísticas têm admitido profissionais negros e negras, e não só como simples repórteres, mas – em alguns casos – como redatores, colunistas ou chefes de reportagens. Há casos de ocupação de lugares estratégicos, como o de ombudsman – o(a) profissional que media conflitos entre o público e o órgão de imprensa.

O livro se divide em três partes. Criei esta metodologia com um aparato didático ou pedagógico à sua leitura. A primeira parte compõe-se de textos saídos nos grandes veículos de comunicação; a segunda, enfeixa textos que, em parte, não foram publicados, salvo exceções, por razões adversas, mas que resistiram até hoje por trazerem pautas ainda importantes sobre o debate racial em nossa literatura. A última parte, eu reproduzo o único texto acadêmico, divulgado em algumas publicações universitárias, mas que teve pouco alcance fora dos muros acadêmicos e que achei que valia a pena compor e fechar estes volumes de textos.

Estes são os passos, e os caminhos que percorri até a presente data.

Com esperança torço ainda ver e viver novos avanços. Os profissionais de hoje, mais jovens do que eu, estão tendo um papel importante nesse

processo de pressão e enfrentamento, e conquistando espaços, impondo projetos, diante da nova realidade da comunicação social. Irmanados de ideias inovadoras e ancorados em tecnologias de ponta, atualmente sabem que é possível fazer o bom jornalismo sem depender diretamente de jornais ou de seus respectivos donos. As plataformas digitais estão aí para revolucionar e paginar uma nova história da comunicação brasileira. Esta é uma lição que nos mantém esperançosos e confiantes de que todo o esforço empreendido para divulgar e promover autores e autoras durante boa parte de uma vida profissional, como a minha, ou pautar assuntos envolvendo a população negra possa ser engrandecido e alcançado de forma menos espinhosa e dolorida.